

Dois hemisférios

Daniel Maillet. Formado pela Academia de Belas Artes de Brera, Itália, Daniel Maillet (Zurique, 1956) mantém um diálogo com a tradição, ou seja, vai buscar nas fontes matriciais de um Michelangelo, por exemplo, a poética do “sublime”, caracterizada pelas imagens visionárias de traços densos, fantasmagóricas, que transcendem o próprio objeto criado, como podemos observar nesta sua série de esqueléticos grupos de figuras agonizantes, marcados por linhas pastosas e vigorosas. Estes desenhos (pastel sobre papel) correspondem ao seu período europeu. Encontramos neles indícios da gravura e do expressionismo alemão, herdados do pai Leopold Mayer (1902-1990), que foi pintor, gravurista e aluno do expressionista Max Beckman.

Como descendente de hebreus, sob o ponto de vista temático, Daniel Maillet deixa transparecer nestes desenhos as projeções mentais evocadas pelas histórias de guerra e perseguições nazistas, contadas pelo pai. No entanto, reconhecemos nestas imagens expressões do nosso cotidiano contemporâneo.

Em outra categoria, que dialeticamente contrapõe-se e complementa a fase europeia de Daniel Maillet, estão estas pinturas de cores intensas e luminosas, produzidas recentemente no Brasil (daí o título escolhido por ele para esta exposição: Entre dois hemisférios). Neste caso, os pressupostos históricos remetem não ao “belo clássico”, mas ao “belo romântico”, remanescente da corrente “pitoresca” holandesa do século XIX.

Embora o “pitoresco” esteja ligado à paisagem, encontramos nestes retratos (tinta acrílica sobre papel) elementos que identificam essa corrente, tais como a variação das cores, o movimento das manchas quase matéricas, que, mesmo opondo-se à anatomia clássica de natureza objetiva e imutável, não deixam de revelar, nessa oscilação gestual, o particular e o característico de cada modelo retratado.

O que torna a pintura de Daniel presente é o foco que ele dá à figura humana, desnuda na sua singularidade. Há nestes retratos uma potencialidade psicológica que se acentua pela ausência de qualquer cenário ou acessório de fundo, diferentemente da arte moderna. São imagens desprovidas de apêndices, que se justificam por si, no que elas podem emanar: personalidade, estados de espírito, indagações, medos, certezas, identidades...

Por fim, as últimas experiências com esculturas em argila, feitas no Ceará, parecem convergir, ao mesmo tempo, para as categorias do “pitoresco” e do “sublime”. Nelas observamos um estado de suspensão entre o que está próximo e distante, mediado pela contemplação e pensamento. Trata-se, portanto, de um olhar sobre a dignidade do ser humano, pelo qual também nos vemos refletido.

Herbert Rolim

Sala do pitoresco:

Todo retrato é, em certo sentido, um auto-retrato que reflete o espectador. (...) Na alquimia do ato criativo, todo retrato é um espelho.

Alberto Manguel

Sala do sublime:

Quando se ultrapassa o limiar do “sublime, as sensações se desvanecem e entra-se em contato direto não mais com o criado, mas com as forças sobrenaturais, divinas da criação. *Giulio Carlo Argan*

Sala das esculturas:

A beleza tem apenas uma origem: a ferida, singular, diferente para cada um, oculta ou visível, que o indivíduo preserva e para onde se retira quando quer deixar o mundo para uma solidão temporária, porém profunda. *Jean Genet*

Retrato como espelho do eu.

O retrato sempre teve seu lugar na história da arte. Com as “mãos em negativo”, gravadas nas paredes das cavernas, o homem da Pré-História já parece esboçar uma vontade de auto-imagem. Os gregos primitivos, por sua vez, atribuíam à representação da face um certo caráter mágico, talvez por considerá-la a morada da alma, razão pela qual, preferencialmente, a retratavam de perfil, temerosos que os olhos fulminassem o observador. Mas, nenhum retrato é tão cercado de mistério como a impressão da face de Cristo sobre o pano que Verônica Lhe havia oferecido, no momento de Seu Calvário, em Jerusalém - imagem tão recorrente na Idade Média. Desses tempos remotos para cá, da popularização do retrato no Renascimento às imagens digitais de nossos dias, esse gênero nunca deixou de existir.

Nesta exposição, o Centro Cultural do BNB oportuniza, como viés curatorial, um olhar investigativo sobre a produção de dois artistas da cena atual, Daniel Maillet e Andréa Feijó, selecionados pelo Programa Artes Visuais, cujos trabalhos, guardadas as singularidades de cada um, se voltam para as questões do retrato, reinventando, mais uma vez, este gênero tão antigo.

Herbert Rolim

(Texto para a exposição no Centro Cultural BNB de Fortaleza CE, em novembro 2005)